

AÇÕES DO ARTE NA ESCOLA PÓS-PANDEMIA: OFICINAS DE CROCHÊ

KATIANE FERREIRA¹; NÁDIA SENNA²

¹Universidade Federal de Pelotas – katianel.f.dasilva@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alecrins@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho apresenta um relato da minha experiência como bolsista no projeto Arte na escola, que incentiva o ensino da Arte por meio de formação contínua do professor do ensino básico. Tive a orientação da professora Nádia Senna que também participa do grupo de pesquisa “Caixa de Pandora: estudos em arte, gênero e memória (CNPq, UFPEL, Centro de Artes), que discute as trajetórias e processos criativos desenvolvidos pelas mulheres artistas. Foi no grupo que surgiu a ideia da oficina têxtil, e com ela a vontade de colocar em prática as noções de docência que aprendi na universidade.

O trabalho tem por objetivo falar sobre a arte têxtil, mais precisamente o crochê e o meu processo em ensiná-lo usando sacolas plásticas, como uma possibilidade de reaproveitamento de materiais. Trago também a importância da aprendizagem através da arte têxtil, com intenção de promover a reflexão sobre o sistema das artes e suas exclusões, com relação a essa arte e as mulheres artistas. A hierarquia instituída não valorizou devidamente essa rica produção, o bordado, a tapeçaria, a costura e a cerâmica eram tidas como arte menores, arte aplicada, ou ainda, artesanato, não alcançando o status de uma obra de arte. O projeto feminista na arte será responsável pelo rompimento com essas regras, regatando materiais e técnicas, identificadas com o trabalho das mulheres. São as artistas contemporâneas que atualizam a arte têxtil, propondo atravessamentos que contemplam questões culturais e de gênero.

2. METODOLOGIA

A abordagem metodológica segue os estudos culturais e de gênero, linha adotada pelo grupo de pesquisa Caixa de Pandora que se filia ao Projeto Arte na Escola, pela necessidade de inclusão de temas transversais para o ensino e formação continuada em Artes.

Para a construção da oficina a estratégia segue metodologias contemporâneas da arte/educação, de natureza aberta e propositiva, que valoriza a experiência e o trabalho coletivo, contando com a participação do grupo nas rodas de conversa para ampliar reflexões e instaurar um pensamento crítico. Para aproximar o tema com conteúdos que são fundamentais para o aprendizado da linguagem visual, realizei uma revisão bibliográfica, a partir de Donis A. Dondis.

A aproximação parte do ponto, como unidade mínima de comunicação visual, para compreender o ponto no crochê, também, unidade mínima, que vai formar a linha, a corrente e a forma (DONDIS, 1997). Os conteúdos próprios da arte têxtil são fundamentados em Ruthie Marks, Lis Paludan e Ilana Goldestein.

A oficina é oferecida para grupos da comunidade, na sua maioria formados por mulheres, contando com a partilha de saberes para o aprendizado das etapas envolvidas: dobrar, cortar, unir, enrolar o fio produzido e crocheter.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A história da arte têxtil, mais precisamente, do crochê, reconhece diferentes teorias de origens, segundo Lis Paludan, o crochê pode ter surgido na América do Sul, Arábia, ou China.

"Another writer/researcher, Lis Paludan of Denmark, who limited her search for the origins of crochet to Europe, puts forth three interesting theories. One: Crochet originated in Arabia, spread eastward to Tibet and westward to Spain, from where it followed the Arab trade routes to other Mediterranean countries. Two: Earliest evidence of crochet came from South America, where a primitive tribe was said to have used crochet adornments in rites of puberty. Three: In China, early examples were known of three-dimensional dolls worked in crochet. (MARKS, 1997, p.1)"

Existem teorias de que o crochê é uma prática muito antiga, porém ainda não tem uma pesquisa que dê a datação correta de quando surgiram as práticas. Representações desse fazer aparecem em ilustrações medievais, sobre o trabalho junto às guildas têxteis. Atualmente a técnica do crochê, vai além de um trabalho manual, do artesanato de mulheres que cuidam somente da casa, abrange a arte contemporânea e o mercado de design, tanto de moda quanto de interiores.

"As classificações relacionadas ao universo artístico não dependem necessariamente de critérios estéticos, mas principalmente do aval da imprensa especializada, dos diretores de equipamentos culturais, dos historiadores, marchands e de artistas já reconhecidos.(GOLDSTEIN, p.5)"

A prática é atualizada pelas artistas contemporâneas, que resgatam materiais e técnicas, investem em reutilização de recursos, repensando o papel da mulher, relações entre doméstico e público, memória e poética. Entre as artistas destacamos Sônia Gomes, pelo trabalho com bordados, memórias de vida e ancestralidade, Rosana Paulino pela série Bastidores, entre outras que levantam questões étnicas e de violência contra as mulheres e a argentina Silvia Gai com sua série de almofadas, esculturas e instalações com fios, bordado e crochê, que inquietam e comovem, trazendo alusões a opressão, corpos e sexualidade feminina.

A proposta da oficina foi trabalhar com o crochê a partir de linhas com sacola plástica. A ideia surgiu pelo fácil acesso e baixo custo, pensando também na ideia de reciclagem e sustentabilidade que trabalhar com materiais residuais promove, no caso, o aproveitamento do plástico, desencadeando um processo sobre o cuidado com o planeta, provocando outras formas de usar os materiais ao seu redor.

Ministrei duas oficinas de crochê com sacolinha junto com o grupo Caixa de Pandora. A primeira oficina foi na casa do projeto Ori, que é uma comunidade beneficente tradicional de terreiro no Areal, as pessoas foram muito receptivas conosco na oficina, Figura 1. Na casa onde estávamos não tinha somente mulheres, mas só elas se interessaram pela oficina.



Figura 1: Oficina para projeto Ori. Fonte: A autora.

Começaram a aparecer as mulheres e perguntaram quais as oficinas que estávamos ofertando, explicamos o que cada uma de nós tinha como proposta. Então elas iam se aproximando das oficinas que mais lhe interessavam. Apenas uma mulher quis experimentar o crochê com sacolinha plástica, ela já sabia iniciar o crochê com o primeiro nó e as correntinhas. Primeiro expliquei como cortava as sacolinhas plásticas para que se transformasse em algo que se parecesse com a linha, que pudesse ser usado para tramar. Começamos o passo a passo, e na segunda parte partimos para o crochê, e percebi que ela tinha uma dificuldade em segurar a linha e a forma de laçar para fazer o primeiro nó. Comecei explicando como fazer o primeiro ponto do crochê que é o nó do início.

As correntinhas dela ficaram bem tensionadas, a ponto de não conseguir subir os pontos. É importante lembrar que cada um de nós vai colocar uma certa tensão no crochê, principalmente quando estamos começando, a princípio temos dificuldade em manusear a agulha e segurar a linha de uma forma confortável nas mãos.

Então escolhi o que poderíamos fazer de uma outra forma. Comecei a ensinar como fazer o crochê redondo, começando com o anel mágico e indo colocando os pontos altos dentro do círculo. O que resultou em algo que tinha uma forma, mas não como a forma que ela esperava. Como já estava sentada a um tempo naquela cadeira ela se cansou e foi fazer outra coisa na casa onde estávamos.

O que senti foi que ela ficou de certa forma frustrada com o processo de aprender o crochê, pois gostaria de sair da oficina depois de fazer algo, como o chaveiro que tinha sido mostrado. A partir dessa oficina percebi que fazer o crochê com a linha de barbante e de lã, facilita o processo de aprendizagem por ser uma linha fechada e que facilita nos pontos por causa da tensão que é colocada quando se está aprendendo.

Participei de uma outra oficina de crochê para as mulheres da Associação de pais e amigos de jovens e adultos com deficiência (APAJAD), que aconteceu no Centro de Artes da UFPel, dessa vez acordamos de começar com as instruções de como cortar as sacolinhas para dar início ao novelo. Recebemos cerca de 10 mulheres idosas da associação e 3 pessoas do Programa de educação tutorial (PET) das artes visuais. Figura 2:



Figura 2: Oficina para grupo da APAJAD. Fonte: A autora.

Perguntamos quem delas já tinha feito crochê antes, e algumas falaram que já tinha feito mas não gostava, outra que já sabia fazer a correntinha, e tinha uma que fazia crochê. Comecei a oficina explicando como cortava as sacolas e como fazia o nó entre elas, todo mundo que estava no local começou a fazer o início do novelo, algumas conseguiram entender mais facilmente, mas a maioria demorou um pouco mais e precisou de ajuda para fazer. Depois começamos a explicar como fazia o nó para dar início ao crochê, e falei que pra quem estava aprendendo o crochê é melhor começar com a linha de lã ou barbante, por ser mais fina e enrolada.

Todos começaram a fazer os primeiros passos do crochê, auxiliei umas 4 senhoras, enquanto a outra integrante ajudava o resto da sala, por já ter mais experiência com crochê e com oficinas desse tipo. Com essa oficina finalizada percebi a mesma coisa da anterior, que as pessoas a qual ensinei gostariam de ter saído com algo pronto, como as peças mostradas como exemplo. Contudo, estavam se sentindo muito bem, pela experiência vivida, pela oportunidade de pensar em sustentabilidade, pela conversa fluida e pelo resgate de memórias que a oficina promoveu.

4. CONCLUSÕES

A partir dessa pesquisa agreguei referências de artistas que trabalham com a arte têxtil, agregando meu repertório de conhecimento sobre a arte contemporânea. Levo também como aprendizado as dificuldades das pessoas com as primeiras experiências em crochê, porque me fez com que buscasse formas e didáticas melhores para explicar e aproveitar o momento da aprendizagem.

Foi uma experiência enriquecedora, por poder ensinar presencialmente depois da pandemia do Covid. E proporcionar uma quebra na rotina dessas mulheres, aflorando uma experiência de troca de saberes através da memória de cada uma com determinado tipo de técnica têxtil, proporcionando também uma experiência poética de manusear as linhas e o contato com as técnicas. Fazendo com que as pessoas vejam outras formas de arte, vindo de dentro da universidade, que as faz questionar as artes hierarquicamente consolidadas. E entender que a arte têxtil tem várias reverberações, com várias formas e feitas por pessoas de todas as idades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Página 53.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. "Arte, artesanato e arte popular: fronteiras movediças". In: Adriana Oliveira & Rose Satiko (orgs.), **Bixiga em artes e ofícios**. São Paulo: EDUSP, 2014. p. 223-257.

CGOA. **History of Crochet by Ruthie Marks**. Crochet Guild of America, Alaska 2009. Acesso em 1 Agosto de 2022. Online. Disponível em: <https://cdn.ymaws.com/www.crochet.org/resource/resmgr/pdf/history-of-crochet-rm.pdf> .